

ROMANCEIRO DA INCONFIDÊNCIA, UM MISTO DE PODER, LIBERDADE E OPRESSÃO

Denilson Albano Portácio*

Resumo

Através de uma análise do texto poético à luz da **Tipologia dos Personagens** do professor Horácio Dídimo, pretende-se identificar a importância do personagem na composição do **Romanceiro da Inconfidência**, de Cecília Meireles. Nesta análise observam-se os diferentes tipos de personagens segundo o grau de importância deles na obra. Verifica-se também o entrelaçamento dessa obra poética com outras artes, visto que ela tem uma estrutura teatral, além de perceber-se a presença das cores e da música diluída ao longo do poema.

Palavras-Chaves: Cecília Meireles - poesia, Análise literária, Personagem poético, Teatro, Cor, Música.

1. INTRODUÇÃO

Através de uma análise do texto poético à luz da **Tipologia dos Personagens** do Professor Horácio Dídimo, pretende-se identificar a importância do personagem na composição do **Romanceiro da Inconfidência**, de Cecília Meireles. Pretende-se, ainda, evidenciar os diferentes tipos de personagens segundo seu grau de importância na obra e ressaltar a presença do ouro como importante actante ao longo do poema.

Inicialmente, observaremos o valor de Cecília Meireles para a poesia brasileira contemporânea e avaliaremos a sua contribuição para o enriquecimento da nossa literatura.

Tratando da análise tipológica dos personagens, daremos maior relevância àqueles que têm participação mais ativa nos acontecimentos. Dentre eles destacaremos: Tiradentes, Cláudio Manuel da Costa, Tomás Antônio Gonzaga, Joaquim Silvério dos Reis, Marília, Maria Ifigênia, Dona Maria I.

Numa tentativa de relacionar o **Romanceiro da Inconfidência** com outras artes, verificamos que este poema possui a presença das cores, da música e tem uma estrutura teatral.

2. CECÍLIA MEIRELES

A literatura brasileira se tornou mais rica em 1922, pois surgia nesse ano a poesia de Cecília Meireles através das revistas **Árvore Nova**, **Terra do Sol e Festa** e dessas revistas faziam parte um grupo de escritores católicos que objetivavam a renovação da nossa literatura através de uma visão filosófica.

No entanto, com o lançamento do livro **Viagem**

“o influxo simbolista perderia em relevo externo para traduzir-se em filosofia de vida e comportamento estético. A similitude temática e formal que ligava Cecília Meireles e os epígonos do Simbolismo, cedeu lugar à pluralidade de motivos e à eleição de certos metros; o vocabulário típico substituiu-se por um léxico mais variado e os espiritualistas de pensamento filosófico, tradição e universalidade vieram singularmente concretizar-se no menos ortodoxo dos renovadores.”*

Além de **Viagem**, Cecília Meireles publicou **Baladas para El-Rei**, **Vaga Música**, **Mar Absoluto**, **Retrato Natural**, **Romanceiro da Inconfidência**, **Amor em Leonoreta**, **Doze Noturnos da Holanda**, **O Aeronauta**, **Pequeno Oratório de Santa Clara**, **Canções**, **Romance de Santa Cecília**, **Ou Isto ou Aquilo** e outros.

Devido aos temas profundamente introspectivos, tratados na sua poética, Cecília Meireles chegou a ser considerada uma autora mais ibérica que brasileira, isto para os que desconheciam a sua luta política enquanto cidadã. Porém, quando publicou o **Romanceiro da Inconfidência**, fruto de

* Graduado em Letras pela Universidade Federal do Ceará. Especialista em Investigação Literária - UFC e Aluno do Mestrado de Letras da UFC.

4.1 O Alferes Tiradentes

Tiradentes, segundo uma análise tipológica, é um personagem humano, verdadeiro, real-objetivo, literário-poético (ao ser transposto para o poema), personagem-inter-título e mineônimo (por ter um cognome conforme a sua principal atividade).

O Alferes Tiradentes foi um homem forte que se tornou a grande vítima da Inconfidência. Enfrentou a Coroa e assumiu a culpa pela liderança do movimento, tornando-se, assim, o protagonista da Inconfidência Mineira. Ele que se deixou ofuscar muito mais pelas idéias de liberdade do Iluminismo que pelo brilho do ouro, que para o poeta se tornou preto, pois só a cor do luto poderia ser associada àquele metal gerador de angústia, traição, revolta, opressão e exploração do povo brasileiro.

“(…)

(Ai, ouro negro das brenhas,
ai, ouro negro dos rios ...
Por ti trabalham os pobres,
Por ti padecem os ricos.
Por ti, mais por essas pedras
que, com seu límpido brilho,
mudam a face do mundo,
tornam os reis intranqüilos!
Em largas mesas solenes,
vão redigindo os ministros
cartas, alvarás, decretos,
e fabricando delitos.)

(…)” (p. 433)

Muitos foram os acontecimentos que fizeram com que algumas pessoas se revoltassem contra Portugal: a exploração impiedosa da Coroa para com o Brasil, a indiferença com que tratavam os brasileiros, etc. Por causa destes acontecimentos, algumas pessoas de Vila Rica passaram a se reunir para traçar planos, objetivando uma rebelião que culminaria com a Independência do Brasil. Esta rebelião, enquanto movimento articulador, recebeu o nome de Inconfidência. No romance “Da Bandeira da Inconfidência”, o narrador descreve as reuniões dos inconfidentes, o clima de segredo, de traição e de revolta. Constata-se a diversidade de profissão e de credo e a união em torno de um só objetivo: LIBERDADE.

“(…)

Atrás de portas fechadas,
à luz de velas acesas,
brilham fardas e casacas,
junto com botinas pretas.
E há finas mãos pensativas,
entre galões, sedas, rendas,
e há grossas mãos vigorosas,
de unhas fortes, duras veias,
e há mãos de púlpito e altares,
de evangelhos, cruzeiros, bênçãos.

Uns são reinóis, uns, mazombos;
e pensam de mil maneiras;
mas citam Virgílio e Horácio,
e refletem, e argumentam,
falam de minas e impostos
de lavras e de fazendas
e das colônias inglesas.

.....

“Atrás de portas fechadas,
à luz de velas acesas,
entre sigilo e espionagem,
acontece a Inconfidência.
E diz o Vigário ao Poeta:
‘Escreva-me aquela letra
do versinho de Virgílio...’
E dá-lhe o papel e a pena.
E diz o Poeta ao Vigário,
com dramática prudência:
‘Tenha meus dedos cortados,
antes que tal verso escrevam...’
LIBERDADE, AINDA QUE TARDE,
ouve-se em redor da mesa.
E a bandeira já está viva,
e sobe, na noite imensa.
E os seus tristes inventores
já são réus - pois se atreveram
a falar em liberdade
(que ninguém sabe o que seja).

(…)” (p. 450,451)

Tiradentes se torna um inconfidente ativo, certamente o mais militante de todos. E acompanhando os seus anseios de liberdade, verificamos seus passos e, de acordo com o seu itinerário, surgem quatro personagens, anônimos ou não, que estão ligados a ele por simpatia, afinidades ideológicas, ou oposição às suas atitudes.

Ele era um homem do povo que servia a todos, usufruindo de grande popularidade. Seu objetivo maior era ver o povo feliz.

“(…)

Não há planta obscura
que por ali medre
de que desconheça
virtude que encerre,
_ ele o curandeiro
de chagas e febres,
o hábil Tiradentes,
o animoso Alferes.

“Por aqui, descansa;
ali, se despede,
que por toda parte
o povo o conhece.
Adeuses e adeuses,
sinceros e alegres:

a amigos, mulatas,
cativos e chefes,
coronéis, doutores,
padres e almocreves.
(...)” (p. 454,455)

No entanto, esse homem popular que gostava de todos resolve ir à Corte para tentar descobrir o que andam tramando por lá. Percebe que está sendo seguido por alguém que o quer trair.

“(…)
(E um negro demônio
seus passos conhece:
fareja-lhe o sonho
e em sombra persegue
o audaz, o valente,
o animoso Alferes.)
“(…)” (p. 456)

Na sua travessia em busca da liberdade, Tiradentes encontra outras pessoas anônimas que, impressionadas pelo seu carisma e coragem, imaginavam, sabiam, premeditavam e decidiam a sua sorte. Dentre os que decidiam a sua sorte estava Joaquim Silvério, um personagem real, verdadeiro, metagonista, antagonista, intertítulo. Ele, enquanto Tiradentes viajava, escrevia uma carta ao governador, delatando os inconfidentes e seus planos, em troca do perdão das suas dívidas.

“(…)
(No grande espelho do tempo,
cada vida se retrata:
os heróis, em seus degredos
ou mortos em plena praça;
___ os delatores cobrando
o preço das suas cartas ...)”
(p. 459)

“MELHOR NEGÓCIO que Judas
fazes tu, Joaquim Silvério:
que ele traiu Jesus Cristo,
tu trais um simples Alferes.
Recebeu trinta dinheiros ...
___ e tu muitas coisas pedes:
pensão para toda a vida,
perdão para quanto deves,
comenda para o pescoço,
honras, glórias, privilégios.
E andas tão bem na cobrança

que quase tudo recebes!
(...)” (p. 466)

Os inconfidentes esperam a Derrama para promover o levante. No entanto, devido às denúncias do traidor, a Derra-

ma não acontece, bastando ao vilão entrar em cena para a narrativa ganhar outro rumo.

Mesmo assim o Alferes continua o seu percurso. Onde passa, prega seus ideais, expõe a sua revolta contra Portugal, tenta ganhar mais adeptos para a sua causa. O povo o vê de diversas formas.

O Sonhador:
“PASSOU UM LOUCO, montado.
Passou um louco, a falar
que isto era uma terra grande
e que a ia libertar.
(...)” (p. 461)

O Garimpeiro da esperança:
“(…)
Por aqui passava um homem
___ e como o povo se ria! ___
‘Liberdade ainda que tarde’
nos prometia.

.....
“Lá se foi por esses montes,
o homem de olhos espantados,
a derramar esperanças

por todos os lados.
(...)” (p. 463)

O Revolucionário: Tiradentes não cansava de gritar, de denunciar a exploração de Portugal no Brasil.

“(…)
‘Do Caeté a Vila Rica,
tudo ouro e cobre!
O que é nosso, vão levando...
E o povo aqui sempre pobre!’
(...)” (p. 462)

Um mensageiro da alegria. Apesar das dificuldades, do perigo, dos medos, o carisma do Alferes contagiava o povo:

“(…)
Por aqui passava um homem...
___ e como o povo se ria! ___
No entanto, à sua passagem,
tudo era como alegria.
(...)” (p.463)

O Alferes seguia o seu caminho, a sua travessia da liberdade, enquanto as personagens anônimas, verdadeiros figurantes da tragédia, que estava por acontecer, participavam do rito de passagem, expressando o juízo que faziam dele, além de confessar que com ele se preocupavam. Esses personagens anônimos são as Velhas Piedosas, os Tropeiros, O Cigano, o Bêbado Descrente e outros.

Um homem de aura barroca. Segundo as visões do Cigano Que Viu Chegar o Alferes, ele apresentava um destino pleno de oposições, comprovado pelas antíteses:

“NÃO VALE MUITO, o rosilho:
mas o homem que vem montado,
embora venha sorrindo,
traz sinal de desgraçado.
Parece vir perseguido,
sem que se veja soldado;
deixou marcas no caminho
como de homem algemado.
Fala e pensa como um vivo,
mas deve estar condenado.
Tem qualquer coisa no juízo,
mas sem ser um desvairado.

“A estrela do seu destino
leva o desenho estropiado:
metade com grande brilho,
a outra, de brilho nublado;
quanto mais fica um, sombrio,
mais se ilumina o outro lado.
“Duvido muito, duvido
que se deslinda o seu fado.
Vejo que vai ser ferido
e vai ser glorificado:
ao mesmo tempo, sozinho,
e de multidões cercado;
correndo grande perigo,
e de repente elevado:
ou sobre um astro divino
ou num poste de enforcado.

(...)” (p. 465)

Homem perseguido. Seus passos são vigiados, seus movimentos estudados, seus discursos ouvidos e decorados. Os delatores escondem-se nas sombras, esperando o momento oportuno:

“(…) (Esses vultos que se seguem
Joaquim Silvério, quem são?
Devem ser as sentinelas
que amanhã me prenderão?
Quem as pôs sobre os meus passos?
Quem comete essa traição?
Responde, Joaquim Silvério,
quem nos leva à perdição?)

(...)” (p. 468)

Homem que sofre. Perseguido, é preso e se sente abandonado, sem amigos, sem nada. Todos são dominados pela covardia e pelo medo:

“(…) (… Minas da minha esperança,
Minas do meu desespero!
Agarraram-me os soldados,
como qualquer bandoleiro.
Vim trabalhar para todos,
e abandonado me vejo.
Todos tremem. Todos fogem.
A quem dediquei meu zelo?” (p. 470)

No fim de maio de 1789, o desespero se apodera dos inconfidentes que estavam em Vila Rica. Eles fazem tudo para não serem presos, mas era muito difícil provar a inocência deles, a não participação do movimento que não chegou a acontecer em sua plenitude. Mesmo assim, alguns dos inconfidentes mais dedicados foram presos.

“Andam as quatro comarcas
em grandes desassossego:
vão soldados, vêm soldados;
tremem os brancos e os negros.
Se já levaram Gonzaga
e Alvarenga, mais Toledo!
Se a Cláudio mandam recados
para que se esconda a tempo!
(...)” (p. 470)

Um homem de palavras. Foram os discursos inflamados de Tiradentes pela liberdade do Brasil que de fato o levaram à condenação. Ele era o mais ousado dos inconfidentes. Falava abertamente contra a Coroa. Suas palavras eram fagulhas incendiárias:

“(…) (Ai, palavras, ai, palavras,
que estranha potência, a vossa!
Perdão podíeis ter sido!
- sois madeira que se corta,
- sois vinte degraus de escada,
- sois um pedaço de corda...
- sois povo pelas janelas,
cortejo, bandeiras, tropa...
“Ai, palavras, ai, palavras,
que estranha potência, a vossa!
Éreis um sopro na aragem...
- sois um homem que se enforca!
(...)” (p. 494)

Um homem de paixão. Ele lutou com afincamento pelos seus ideais. Sua presença, mesmo depois de morto, era tão forte que leiloaram todos os seus bens para que as lembranças dele fossem todas dispersas:

“(…) (E este espelho, surpreendido

por não sentir mais a cara
de entusiasmo, dor e espanto
daquele homem de paixão?
Arrematai-o! Um gemido,
que antes nunca se escutara,
e turvas gotas de pranto
em sua lâmina estão
(...)” (p. 498)

Um homem de coragem. Ao chegar a hora de sair pelas ruas para se dirigir à forca, antes de ir para o triste evento, ainda falou ao carrasco Capitânia:

“(…)
‘Oh! Permite que te beije
os pés e as mãos...Nem te importe
arrancar-me este vestido...
Pois também na cruz, despido,
morreu quem salva da morte!’
(...)” (p. 500)

Um guerreiro solitário. A caminho da forca, pelas ruas do Rio de Janeiro no 21 de Abril de 1792 num dos DOMIN-GOS da sua vida, sob os olhares da multidão, ele era homem solitário. Estava a poucos passos do patíbulo, o grande palco, onde realizaria o desfecho do espetáculo:

“(…)
Onde estão os poderosos?
Eram todos eles fracos?
Onde estão os protetores?
Seriam todos ingratos?
Mesquinhas almas, mesquinhas,
dos chamados leais Vassalos!
Ah, solidão do destino!
Ah, solidão do calvário...
(...)” (p. 503)

4.2 Outros Inconfidentes

• Tomás Antônio Gonzaga, o poeta, magistrado, culto, também foi um dos grandes nomes da Inconfidência. Analisado tipologicamente, temos nele um personagem verdadeiro, real, objetivo, secundário, literário, poético (ele se cognominava Dirceu), intertítulo e sinagonista.

Gonzaga sentiu na pele o castigo da rainha. Por ser rico e respeitado foi degredado para a África. Ele renegou os valores de Vila Rica.

“(…)
Inocente, culpado?
Enganoso? Sincero?
Por muito que o confesse,
O amor não recupera.
No entanto, é surda gente,
daqui nem ouro quero...” (p.497)

Gonzaga partiu obrigado, deixando os seus bens e a sua amada Marília.

“(…)
- Entre pastores vivia,
à sombra da sua amada
Ele dizia: ‘Marília!’
Ela: ‘Dirceu!’ balbuciava...
(...)” (p. 514)

• Cláudio Manuel da Costa foi outro importante inconfidente. Tipologicamente é um personagem real, intertítulo, secundário, literário (Glaucete) e sinagonista. Fundador da Arcádia Ultramarina, foi preso e encontrado morto com uma corda no pescoço. Seu corpo desapareceu misteriosamente, por isso há muitas versões para o seu trágico fim.

“‘QUE FUGISSE, que fugisse...
- bem lhe dissera o embaçado! -
que não tardava a ser preso,
que já estava condenado,
que, os papéis, queimasse-os todos...’
Vede agora o resultado:
mais do que preso, está morto,
numa estante reclinado,
e com o pescoço metido
num nó de atilho encarnado.
(...)” (p. 488)

O mistério da sua morte (morto, envenenado, suicida) não se sabe exatamente. Era rico, poderoso e apadrinhado.

“(…)
Entre esta porta e esta ponte,
fica o mistério parado.
Aqui, Glaucete Satúrnio,
morto, ou vivo disfarçado,
deixou de existir no mundo,
em fábula arrebatado,
como árcade ultramarino
em mil amores enleado.” (p. 489)

Além destes, outros inconfidentes deixaram a sua contribuição na luta contra a Coroa, dentre eles Padre Toledo, Inácio José de Alvarenga Peixoto e Padre Rolim.

4.3 As Mulheres das Minas Gerais

Além de Marília, que tinha por nome verdadeiro Maria Joaquina Dorotéia de Seixas e que ficou muito conhecida por ter sido imortalizada nos poemas de Tomás Antônio Gonzaga, viveram na época de Dona Maria I, a rainha que detinha nas mãos o poder, inclusive o de determinar o fim dos condenados, Chica da Silva, uma negra que fora escri-

va, mas que caíra nas graças de João Fernandes, um rico contratador de diamantes, que concedeu a ela uma vida de rainha; Barbara Eliodora, mulher do inconfidente Inácio de Alvarenga Peixoto, conhecida por sua beleza singular; Maria Ifigênia, filha de Bárbara e Inácio, chamada em versos pelo pai de “Princesa do Brasil”.

Destacaremos na nossa análise tipológica três destas mulheres. Escolha feita segundo o grau de importância destas no **Romanceiro da Inconfidência**.

Marília, a pastora, é um personagem literário poético criação de Tomás Antônio Gonzaga. Porém ganhou dimensões extratextuais porque ela era realmente Maria Joaquina Dorotéia de Seixas, um personagem verdadeiro, real-objetivo, secundário, intertítulo. Após a partida de Dirceu (Gonzaga) para o exílio na África, Marília sofreu o resto de sua vida a perda de seu noivo.

“PUNGIA A MARÍLIA, a bela.
negro sonho atormentado:
voava seu corpo longe,
longe, por alheio prado.
Procurava o amor perdido,
a antiga fala do amado.
Mas o oráculo dos sonhos
dizia a seu corpo alado:
‘Ah, volta, volta Marília,
tira-te desse cuidado,
que teu pastor não se lembra
de nenhum tempo passado...’
E ela, dormindo, gemia:
‘Só se estivesse alienado!’
(...)” (p.525)

Dona Maria I, rainha de Portugal, era a própria personificação do poder. Ela tinha sempre a última palavra que era traduzida em ordem. Foi ela quem determinou as penas a todos os conjurados da Inconfidência. Aplicando a tipologia dos personagens, a identificamos como personagem real, verdadeiro, intertítulo, deuteragonista, axiônimo.

Todas as vontades da rainha eram satisfeitas, mesmo que o povo não entendesse os motivos. Assim, organizou com aparato festivo a morte de Tiradentes. O “Bêbedo Descrente” personagem fictício do narrador, descreveu muito bem a incompreensão do povo diante de determinadas atitudes da rainha.

“(…) Não era uma festa.
Não era um enterro.
Não era verdade e não era erro.
- Então porque se ouvem salmo e ladainha,
se é tudo vontade da nossa rainha?

(Deus, homens, rainhas, reis...
Que grande desgraça a minha!

- Nunca vos entenderei!
(...)” (p. 508)

Maria Ifigênia era filha de Alvarenga Peixoto e Bárbara Eliodora. O pai fora um homem de Leis e de Arte, também inconfidente. Deu à filha, a quem chamava de Princesinha do Brasil, refinada educação. Ela tocava piano, enquanto os inconfidentes conspiravam. Coube a ela a sonoplastia do **Romanceiro da Inconfidência**.

Numa análise tipológica constitui um personagem real, verdadeiro, intertítulo, secundário.

Coube a ela abstrair os ecos do Rio das Mortes em dissonâncias, que revelavam que aqueles tempos já não eram tão harmônicos.

“DA MÚSICA DE MARIA IFIGÊNIA

ECOS DO RIO das Mortes,
repeti com doce agrado
o exercício mal seguro
que anda naquele teclado.
Duas mãozinhas pequenas
procuram de cada lado
o sigiloso caminho
que está na solfa indicado.
Ai, como parece certo! ...
E como vai todo errado ...

“Ecos do Rio das Mortes,
este som desafinado,
este nervoso manejo,
têm destino assinalado,
Triste menina, a que estuda
com tão penoso cuidado ...
Tratada como Princesa,
para que estranho reinado?
Vai ver sua mãe demente,
vai ver seu pai degredado ...
.....
“Eco do Rio das Mortes,
nesse piano do passado,
fica uma infância perdida,
um trabalho inexplicado.

“Mãos de Maria Ifigênia,
fantasma inocente e alado ...
— vosso compasso, perdeu-se
por um tempo desgraçado ...

“(Ébano e marfim, que fostes?
Cemitério delicado.)” (p. 535)

5. O OURO

Devido à sua importância, em todos os tempos e em todas as camadas da população, o ouro fez com que os homens desafiassem os seus medos, a natureza, “o Verbo Divino Encarnado”, as sombras. Alguns se tornaram traidores, outros viam nele o principal motivo de viver. Cecília Meireles diz que o século XVIII, sobretudo, ele representava poder, glória e riqueza. Todos buscavam encontrá-lo de qualquer forma, mesmo que fosse um pequeno granito, feliz quem encontrasse uma pepita.

Cecília Meireles, no exercício pleno do seu garimpo poético, também encontrou o ouro. Ele estava cravado na montanha mágica das palavras. Retirou, primeiro, algumas pedrinhas, percebendo, em seguida, que se tratava de uma grande pepita, logo tratou de lapidá-la. Dessa forma deu ao ouro a força de um actante de importância relevante no **Romanceiro da Inconfidência**.

5.1 O Ouro, um importante actante para o fio narrativo do Romanceiro da Inconfidência

Desde o início do **Romanceiro da Inconfidência** o ouro ganha relevância. O poema começa com Tiradentes que caminha para o patíbulo que o esperava, via os rostos dos anônimos entre assustados e curiosos, ouvia ainda os sons dos sinos (fúnebre sonoplastia), junto ao coadjuvante carcereiro e o público (a multidão). Logo depois, aparece o cenário, seguido do mais importante actante do século XVIII: o ouro.

O ouro estava presente em todas as grandes jogadas:

“(…)
Mesas de Queluz cobertas
de ouros, paus, espadas, copas ...
(Minas, sangue, sofrimento ...)
No baralho bate o vento
e o jogo segue outras voltas.” (p. 488)

Devido à sua importância, o ouro gerou muitas influências, despertou muita cobiça. Como exemplo temos “O do Caçador Feliz”, poema em que o narrador faz uma representação genérica de todos aqueles que se aventuraram nas Minas Gerais para caçar o pássaro dourado.

“(…)
Os grãos da tua escopeta
___ e como vai carregada! ___
para a caça que precises,
são pepitas de ouro puro ...
E está cheio de ouro o papo
das codornas e perdizes ...
(...)” (p. 417)

A importância do ouro era tamanha, que aquele que não o possuísse não podia unir-se a quem o tinha. Por isso mortes ocorreram:

“(…)
___ porque o meu amor é pobre,
de condição desigual.
.....
‘Se voasse o meu lencinho,
grosso de sonho e de sol,
e pousasse na varanda,
e começasse a contar
que morri por culpa do ouro
- que era de ouro esse punhal
que me enterrou pelas costas
a dura mão de meu pai -
sabe Deus se choraria
quem o pudesse escutar,
- se voasse o meu lencinho
e se pudesse falar,
como fala o periquito
e voa o pombo torcaz.’
(...)” (p. 418)

Portugal não admitia qualquer contrariedade aos seus interesses. Qualquer que fosse a revolta, o castigo entrava em cena. Além da morte na forca, valia também incendiar cidades, violando todos os direitos humanos:

“(…)
por tuas casas caídas,
pelos teus negros quintais,
pelos corações queimados
em labaredas fatais,
- por essa cobiça de ouro
que ardeu nas minas gerais.
.....
(Vede os pequenos tiranos
que mandam mais do que o rei!
Onde a fonte do ouro corre,
apodrece a flor da Lei!)
(...)” (p. 421)

O rei de Portugal, para honrar problemas de ordem econômica, sucateava o que encontrava nas minas de Vila Rica, para pagar as suas dívidas:

“Tigre está rugindo
nas praias do mar.
Vamos cavar a terra, povo,
entrar pelas águas:
O rei pede mais ouro, sempre,
para Portugal.
(...)” (p. 425)

O negro era utilizado, na época, como mão-de-obra escrava. Trabalhou muito nas minas. Era vigiado, a todo momento, pelos olhos dos feitores. Assim como os inconfi- dentes sonhavam com a liberdade do Brasil, ele sonhava com a sua própria liberdade. Por isso via no ouro um passa- porte para ela:

“(…)
Já se ouve cantar o negro.
Por onde se encontrarão
essas estrelas sem jaça
que livram da escravidão
pedras que, melhor que os homens,
trazem luz no coração?
(…)” (p. 424)

Não era só o negro que vivia na condição de escravo. O negro observou que o branco se tornara escravo do ouro.

“(…)
Hoje, os brancos também, meu povo,
são tristes cativos!
Virgem do Rosário, deixai-nos
descansar em paz.” (p. 426)

Em nome do ouro as traições aconteciam. Foi assim com João Fernandes (amante da Chica da Silva), que recebeu com toda pompa o Conde de Valadares, dando a ele ouro e diamantes, enquanto o Conde o espionava para o rei.

Depois de ganhar voz, o ouro no poema “Do ouro fala”, este metal precioso ganhou também, no testamento de Marília, a responsabilidade por todas as desgraças de Vila Rica.

“(…)
Reparti-vos, reparti-vos,
ouro de tantas cobiças...
(Tanto amor que separastes,
entre injúrias e injustiças!
E agora aqui sois contado
para a piedades das missas!)
(…)” (p. 546)

6. OUTROS OLHARES SOBRE O ROMANCEIRO DA INCONFIDÊNCIA

O **Romanceiro da Inconfidência** tem uma íntima relação com o teatro, a música e as cores. Pode-se ver, através da sua linguagem múltipla, o entrelaçamento dos recursos cênicos, sonoros e plásticos que fluem ao longo do texto, tornando-o rico e interessante.

O **Romanceiro da Inconfidência** apresenta elementos comuns aos textos dramáticos. Os personagens desempenham a mais importante função na elaboração textual, pois são eles que conduzem o fio narrativo, auxiliados, às vezes, pelo personagem-narrador que, vez ou outra, se dirige ao

público para sugerir mudança de ambiente ou de situação dramática. Conta ainda com um coro que reforça, em alguns momentos, a ação cênica dos personagens, sem falar no grande número de figurantes que aparecem no texto. Além dos personagens, o poema apresenta quatro cenários que, assim como no teatro, têm a função de auxiliar o entendimento do enredo, seja determinando o espaço e o tempo, seja dando cortes periódicos, para determinar as mudanças de ambiente. Logo, podemos perceber dois níveis no **Romanceiro da Inconfidência**: o textual e o cênico.

A música apresenta-se diluída ao longo do “**Romanceiro**”, na batida dos sinos das várias igrejas de Vila Rica: “Finas músicas broslando/as alfaias das capelas” (p.444); o ruflar dos tambores e dos clarins que soaram antes do enforcamento de Tiradentes “Batiam os sinos, / ruflavam os tambores” (p. 507); o teclado do piano de Maria Ifigênia que compôs realmente a sonoplastia do poema. Ela arrancava das suas notas, no romance “Da música de Maria Ifigênia”(p.535), as dissonâncias do seu tempo, abstraído os ecos do rio das mortes.

Pode-se ainda olhar o **Romanceiro da Inconfidência** por um prisma de quatro cores tão bem sugeridas no decorrer do poema. Ora pela força significativa do texto, ora pela presença dessas cores (amarela, preta, vermelha e branca) nos versos. A cor amarela representa o ouro que é a cor de fundo do poema “paredes de **ouro** puro” (p. 531). Também a cor do actante mais significativo da narrativa: “O **ouro** vem dócil e ingênuo / torna-se **pó, folha, barra / prestígio, poder, engenho ...**” (p. 415). A dourada cor do poder que teceu intrigas e alimentou ambições: “Por essa **cobiça** do **ouro** / que **arde** nas Minas Gerais.” (p.421). A cor preta representa o ar nebuloso que impregna a atmosfera do tempo dos inconfi- dentes: “**Da brenha tenebrosa** aos curvos montes” (p. 408). Dos conflitos, da corrupção que escurece o caráter dos homens, sobretudo os nobres: “Vagas **sombras** da triste madrugada” (p. 410), das traições que mancham as amizades “Passei por entre grotas **negras**” (p. 407). Da ambição descontrolada dos homens e do luto por aqueles que morreram “avisto a **negra masmorra**” (p. 405). A cor vermelha representa primeiro a cor da paixão com que Tiradentes lutava pelos seus ideais: “de entusiasmo, dor e espanto / daquele homem de **paixão?**” (p. 498). Depois representa o sangue derramado pela liberdade: “Agora são tempos de ouro / os de sangue vêm depois” (p. 430). A dor da punição: “com seus **rubros** cadafalsos” (p. 491). A certeza do trágico fim: “Diante do **sangue** da forca” (p. 491). A cor branca representa a luta por um nobre ideal “na causa que serve” (p. 457). A busca por tempos melhores “Planos de melhores eras” (p. 446). Os valores arcádicos “pastoras, sonetos, líras” (p. 446). Os sentimentos dos idealistas: “e - brancas de sentimento” (p. 500). A fé: “Louvada a Virgem do Rosário / vestida de luz” (p. 425). A cor da liberdade é também a cor da transcendência: “Vejo uma forma no ar subir serena: vaga forma do tempo desprendida / ...Adeus! que trabalhar vou para todos!...” (p. 411). Essas cores estão sintetizadas, conforme a narrativa do **Romanceiro da Inconfi-**

dência, no seguinte verso “O clero. A nobreza. O povo. E as idéias.” (p. 445)

7. CONCLUSÃO

Em o **Romanceiro da Inconfidência**, observa-se um trabalho exemplar do fazer poético de Cecília Meireles. Um longo poema que narra um importante fato histórico do Brasil Colônia, a Inconfidência Mineira.

Este poema de estrutura dramática evidencia a figura do personagem como condutor da narrativa e utiliza recursos cênicos para narrar as ações desses personagens, os quais na sua grande maioria são reais, aparecendo ainda personagens fictícios que auxiliam no enriquecimento da trama.

O personagem narrador utiliza variados recursos de linguagem para contar a travessia de liberdade do Alferes Tiradentes. Ilustra a narrativa com o poder do ouro, o som das igrejas do século XVIII, as cores que compuseram a trajetória da liberdade e as palavras, as idéias, que resumiram o significado da Inconfidência Mineira.

Résumé

À travers une analyse du texte poétique à partir de la “Tipologia dos personagens” du professeur Horácio Dídimo,

nous nous proposons d’identifier l’importance du personnage de l’oeuvre **Romanceiro da inconfidência** de Cecília Meireles. Au cours de cette analyse, nous observerons les différents types de personnages selon leur niveau d’importance dans l’oeuvre. Nous vérifierons aussi le rapport entre cette oeuvre poétique et d’autres types d’art vu que celle-ci présente une structure théâtrale, picturale (à travers les couleurs) et musicale.

8. BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

- ALMEIDA, Décio de et al. **A Personagem de Ficção**. São Paulo: Perspectiva, 1968. 124p: A Personagem no Teatro.
- DÍDIMO, Horácio. A Tipologia dos Personagens: critérios e características. **Revista de Letras**, Fortaleza, v. 16, n. 1,2. 1994.
- GANCHO, Cândida Vilares, TOLEDO, Vera Vilhena de. **Inconfidência Mineira**. São Paulo: Ática, 1991. 64p. (Série Princípios).
- MEIRELES, Cecília. **Obra Poética**. 3. ed. Rio de Janeiro: Editora Aguilar, 1987.
- MOISÉS, Massaud. **A Criação Literária: poesia**. 11. ed. São Paulo: Cultrix 1989.